

A COISA
TERRÍVEL QUE
ACONTECEU A
BARNABY
BROCKET

JOHN BOYNE



Ilustrações de
OLIVER JEFFERS



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2013

CAPÍTULO 1

Uma família perfeitamente normal

Esta é a história de Barnaby Brocket. Para compreender Barnaby, primeiro temos de compreender os seus pais, duas pessoas que tinham tanto medo de alguém que fosse diferente que fizeram uma coisa terrível que acabaria por ter consequências dramáticas junto daqueles que amavam.

Começemos pelo pai de Barnaby, Alistair, que se considerava um homem perfeitamente normal. Levava uma vida normal numa casa normal, num bairro normal onde fazia coisas normais de forma normal. A sua mulher era normal, tal como os seus dois filhos.

Alistair não tinha tempo para pessoas invulgares ou que gostassem de se exhibir em público. Quando seguia numa carruagem de metro e um grupo de adolescentes se punha ao lado dele a falar em voz alta, esperava até à estação seguinte, saía e entrava noutra carruagem ainda antes de as portas terem tempo de se fechar. Quando estava a comer num restaurante – não nesses novos restaurantes da moda com ementas complicadas e comida confusa; um restaurante normal – irritava-se e ficava com a noite estragada se tinha de aturar os empregados a cantarem os “Parabéns” a qualquer conviva desejoso de dar nas vistas.

Trabalhava como solicitador na firma Bother & Blastit, na cidade mais esplendorosa do mundo – Sydney, Austrália –, onde se especializara em testamentos, um emprego bastante sotur-

no que lhe assentava que nem uma luva. Era uma coisa perfeitamente normal, ao fim e ao cabo, preparar um testamento. Não havia nada de invulgar nisso. Quando os clientes vinham ter com ele ao escritório era frequente sentirem-se um pouco nervosos, na medida em que redigir um testamento poderia ser um assunto bem difícil ou doloroso.

“Por favor, não se apoquente”, dizia Alistair em tais ocasiões. “É perfeitamente normal uma pessoa morrer. Todos nós temos de morrer um dia. Imagine quão horrível seria se vivêssemos para sempre! O planeta entraria em colapso com tanto peso.”

Não é que Alistair se importasse muito com o bem-estar do planeta; pelo contrário. Só os *hippies* e os adeptos da New Age é que se preocupavam com essas coisas.

Existe uma crença defendida por muitos, em especial por aqueles que vivem no Extremo Oriente, segundo a qual todos nós, individualmente – o leitor incluído – fazemos parte de um casal separado antes de nascer, no seio do vasto e complexo Universo, passando depois a vida em busca da outra alma, a única que nos fará sentir unos outra vez. Até lá, sentiremos sempre que nos falta qualquer coisa. Por vezes, a plenitude só chega quando encontramos alguém que, à primeira vista, parece ser o oposto daquilo que nós somos. Um homem que gosta de arte e poesia, por exemplo, poderá acabar por se apaixonar por uma mulher que passa as tardes de volta dos motores. Uma senhora com hábitos alimentares saudáveis que se interesse por desportos ao ar livre poderá sentir-se atraída por um tipo que prefere vê-los confortavelmente instalado no cadeirão da sala agarrado a uma cerveja e a uma sanduíche. Bem vistas as coisas, há gente para tudo. No entanto, Alistair Brocket sabia que nunca poderia partilhar a sua vida com alguém que não fosse normal como ele, embora isso por si só fosse uma coisa perfeitamente normal de se fazer.

O que nos leva à mãe de Barnaby, Eleanor.

Eleanor Bullingham crescera em Beacon Hill, numa pequena casa com vista para as praias que se estendem a norte de Sydney. Fora sempre a menina querida dos pais, pois era indiscutivelmente a rapariga mais bem-comportada do bairro.

Nunca atravessava a rua sem esperar pelo sinal verde, mesmo que não houvesse nenhum carro à vista. Levantava-se para dar o lugar às pessoas mais velhas, mesmo que o autocarro fosse praticamente vazio. Na verdade, era uma rapariguinha tão bem-educada que quando a sua avó Elspeth morreu, deixando-lhe uma centena de lenços antigos com as suas iniciais, EB, meticulosamente bordadas em todos eles, resolveu que um dia casaria com um homem cujo apelido também começasse por B para não desbaratar a sua herança.

Tal como Alistair, tornou-se solicitadora, especializando-se em propriedades, uma atividade que, como dizia a toda a gente que lhe perguntava, considerava extremamente interessante.

Aceitou uma oferta de emprego na Bother & Blastit, quase um ano depois de o seu futuro marido ter entrado para firma, e sentiu-se um pouco desapontada de início, quando olhava à sua volta e reparava na quantidade de jovens empregados que se comportavam de um modo muito pouco profissional.

Poucos eram os que mantinham as suas secretárias minimamente apresentáveis. Ao invés, estavam apinhadas de fotografias de membros da família, animais de estimação ou, pior ainda, gente famosa. Os homens entretinham-se a desfazer os seus copos de café usados enquanto bradavam ao telefone, o que obrigava os outros a terem de limpar toda aquela bagunça depois, enquanto as mulheres não faziam outra coisa senão comer o dia inteiro, comprando pequenos lanches de um carrinho que reaparecia ao fim de algumas horas repleto de gulodices servidas em embalagens de cores vivas. Sim, este era o comportamento normal de acordo com os padrões vigentes daquilo que era normal, mas que, ainda assim, não era o normal *normal*.

Um dia, no início da sua segunda semana na firma, viu-se a subir dois lances de escadas que davam acesso a outro departamento, para entregar um documento deveras importante a um colega que precisava dele com a maior urgência, ou o mundo pararia. Ao abrir a porta, tentou não olhar para os sinais de desordem e imundície que pairavam à sua volta, não fosse ter de regurgitar o pequeno-almoço. Só que depois, para sua surpresa, viu algo – ou alguém – que fez com que o seu coração desse

um pequeno salto, como uma jovem gazela pulando triunfante-mente por cima de um riacho pela primeira vez.

Sentado a uma secretária de canto, com toda a papelada à sua frente impecavelmente amontoada e separada por grupos identificados com cores, estava um jovem bastante elegante, vestido com um fato risca-de-giz e com um penteado todo certinho. Ao contrário das criaturas meio selvagens que trabalhavam à sua volta, mantinha a sua secretária limpa, com as canetas e os lápis reunidos num único suporte e os documentos eficientemente dispostos diante dele enquanto trabalhava – sem qualquer imagem de criança, cão ou gente famosa à vista.

– Aquele jovem... – dirigiu-se a uma rapariga sentada à secretária mais próxima, que enchera a boca com um *muffin* de banana e nozes e estava a largar as migalhas por cima do teclado do computador, migalhas essas que, por certo, ficariam para sempre perdidas entre as teclas. – Aquele sentado ali ao canto. Como se chama?

– Estás a referir-te ao Alistair? – indagou a rapariga, percorrendo com os dentes o interior da embalagem não fosse ter ficado algum pedaço de caramelo agarrado. – O homem mais enfadonho do universo?

– Qual é o seu apelido? – perguntou Eleanor, cheia de esperança.

– Brocket. Um pouco bronco, não é?

– Perfeito – disse Eleanor.

E assim casaram. Era o que podiam fazer de mais normal, em especial depois de terem ido juntos ao teatro (três vezes), a uma banca de gelados (duas vezes), a um salão de baile (apenas uma vez; não gostaram muito – demasiado *jiving*, com demasiado daquela música *rock and roll* desagradável) e a uma excursão ao Luna Park, onde tiraram fotografias e conversaram alegremente até o Sol se começar a pôr e as luzes cintilantes do rosto gigantesco do palhaço lhe proporcionarem um aspeto mais medonho do que o habitual.

Precisamente um ano depois desse feliz dia, Alistair e Eleanor, agora a viverem numa casa normal em Kirribilli, na costa norte de Sydney, celebraram o nascimento do seu primeiro fi-

lho, Henry. O rapaz nasceu num domingo de manhã, às nove horas em ponto, pesando três quilos certos e vendo a luz do dia após de um curto trabalho de parto, ao fim do qual sorriu delicadamente para o médico que o ajudou a nascer. Eleanor não chorou nem gritou enquanto estava a dar à luz, ao contrário de algumas dessas mães vulgares que poluíam todas as noites os ecrãs televisivos com os seus comportamentos grotescos; na verdade, o nascimento foi um acontecimento extremamente cortês, ordenado e bem-educado, sem ninguém sair ofendido.

Tal como os pais, Henry era um menino muito bem-comportado, pegando no biberão quando lho davam, comendo tudo e ficando completamente mortificado sempre que sujava a fralda. Cresceu a um ritmo normal, aprendendo a falar perto dos dois anos e compreendendo as letras do alfabeto um ano mais tarde. Quando tinha quatro anos, o professor da creche disse a Alistair e a Eleanor que não tinha nada de bom ou de mau a relatar acerca do filho, pois ele era perfeitamente normal em todos os aspetos; como recompensa, os pais compraram a Henry um gelado a caminho de casa nessa tarde – com sabor a baunilha, claro.

A segunda filha, Melanie, nasceu numa terça-feira, três anos depois. Tal como o irmão, não deu qualquer trabalho às enfermeiras ou aos professores e, por alturas do seu quarto aniversário, quando os pais já estavam à espera da chegada de outro bebé, passava a maior parte do tempo a ler ou a brincar com as bonecas no quarto, não fazendo nada que a tornasse diferente de qualquer outra criança da sua rua.

Não havia qualquer tipo de dúvida: a família Brocket era a família mais normal de Nova Gales do Sul, ou até mesmo de toda a Austrália.

Depois nasceu o seu terceiro filho.

Barnaby Brocket veio ao mundo numa sexta-feira, à meia-noite, o que já era um mau começo na medida em que Eleanor ficou preocupada com o facto de poder vir a obrigar o médico e a enfermeira a ficarem de pé toda a noite.

– Peço imenso desculpa – disse ela, transpirando loucamente, o que era embaraçoso. Não transpirara ao dar à luz Henry

ou Melanie; apenas emitira um suave brilho, como o último suspiro de uma lâmpada de quarenta watts.

– Não tem de pedir desculpa, senhora Brocket – afirmou o doutor Snow. – As crianças vêm ao mundo quando tem de ser. Não podemos controlar essas coisas.

– Não deixa de ser desagradável – referiu Eleanor, para depois deixar escapar um enorme grito na altura em que Barnaby decidia que havia chegado o momento. – Credo – acrescentou, com o rosto corado de tanto esforço.

– Não tem de se preocupar com nada – insistiu o médico, posicionando-se para pegar no bebé escorregadio, um pouco à maneira de um jogador de rãguebi: recuando no terreno de jogo, firmando um pé atrás, mantendo outro mais à frente e esticando as duas mãos enquanto esperava para agarrar a bola.

Eleanor gritou de novo, depois recostou-se, gemendo de surpresa. Sentia uma enorme pressão a crescer-lhe no corpo e não sabia quanto tempo mais iria aguentar.

– Força, senhora Brocket! – ordenou o doutor Snow, e Eleanor gritou por uma terceira vez enquanto fazia o máximo de força para empurrar o bebé e a enfermeira lhe colocava uma compressa fria na testa. No entanto, em vez de sentir algum alívio, começou a gemer ruidosamente e depois lançou uma praga que nunca tinha lançado antes, uma palavra que ela considerava extremamente ofensiva sempre que alguém na Bother & Blastit a empregava. Era uma palavra curta – duas sílabas –, mas parecia expressar tudo o que sentia naquele preciso momento.

– Isso mesmo – gritou o doutor Snow, alegremente. – Aí vem ele! Eu conto até três, e depois dá um último empurrão, está bem? Um...

Eleanor inspirou.

– Dois...

Depois exalou.

– Três!

E seguiu-se uma formidável sensação de alívio e o som de um bebé a chorar. Eleanor caiu de costas na cama e gemeu, contente por esta tortura horrível ter terminado.



o nascimento de Barnaby

– Valha-nos Deus! – exclamou o doutor Snow, pouco tempo depois, e Eleanor levantou a cabeça da almofada, surpreendida.

– O que se passa? – perguntou ela.

– Nunca vi nada tão extraordinário – comentou ele, enquanto Eleanor se sentava, apesar das dores, para olhar melhor para o bebê que tinha provocado uma reação tão invulgar.

– Onde é que ele está? – perguntou ela, pois não estava acontecido nas mãos do doutor Snow, nem deitado aos pés da cama. Foi então que reparou que tanto o médico como a enfermeira já não estavam a fitá-la, mas a olhar de boca aberta para o teto, onde um recém-nascido, o *seu* bebê recém-nascido, permanecia encostado aos azulejos brancos e retangulares, olhando para os três em baixo, com um sorriso descarado no rosto.

– Ele está ali em cima – observou o doutor Snow, espantado, e era verdade: ele estava mesmo ali em cima.

Barnaby Brocket, o terceiro filho da família mais normal que alguma vez vivera no hemisfério sul, estava assim já a provar a si mesmo ser tudo menos normal ao não obedecer à regra mais fundamental de todas.

A lei da gravidade.